

La Comédiathèque

CORACÕES ABERTOS

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**

<https://comediatheque.net>

Corações Abertos

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num café em frente a um hospital, dirigido por um proprietário peculiar, cruzam-se os destinos de homens e mulheres à procura de um coração disponível. Para um transplante... ou algo mais, se houver afinidade.

1. Coração disponível.....	3
2. Coração sensível.....	6
3. Um peso no coração.....	12
4. Coração de boi.....	17
5. Presente do coração.....	21
6. Dor no coração	25
7. Batimento do coração.....	28
8. Um coração para dois.....	30
9. O coração na mão.....	33
10. De bom coração.....	35
11. Um coração novo.....	37
12. Corações em coro.....	39

Até 12 homens e 12 mulheres. Distribuição flexível quanto ao número de intérpretes (um mesmo ator pode desempenhar vários papéis) e quanto ao género (vários papéis podem ser interpretados por homens ou mulheres).

1. Coração disponível

Um café. O proprietário está atrás do balcão a limpar copos. Entra uma mulher, com um ar pouco animado. Sem sequer olhar para ele, senta-se ao balcão. O proprietário observa-a discretamente.

Proprietário – Minha senhora... O que lhe apetece?

Ela – Tem arsénico?

Proprietário – É para levar ou para consumir aqui?

Ela – Ainda não decidi...

Proprietário – Entretanto, tome um café. Com uma gota de aguardente de maçã, para animar. A aguardente é por minha conta.

Ela – Aguardente? A esta hora?

Proprietário – Saiba que as virtudes antidepressivas da aguardente são conhecidas desde a Antiguidade. Recomendo-a todos os dias aos meus clientes e, até agora, nenhum se suicidou.

Ela – É muita amabilidade sua, mas fico-me pelo café. Trabalho no hospital, mesmo em frente.

Ele prepara-lhe o café.

Proprietário – Auxiliar de enfermagem... Não deve ser fácil, todos os dias...

Ela – Cirurgiã.

Proprietário – Ah... Peço desculpa, doutora...

Ela – Ganho um pouco mais, mas isso não torna o trabalho mais divertido.

Proprietário – Estou a ver...

Ela – E ainda só lhe estou a falar do trabalho. Felizmente, trabalho de dia e de noite. Não ter vida pessoal também tem as suas vantagens, sabe... quando se tem uma vida de merda...

Ele entrega-lhe um jornal.

Proprietário – Veja o seu horóscopo. Talvez anuncie uma pequena melhoria.

Ela olha para o jornal.

Ela (a ler) – «Vai dar o seu coração a um desconhecido»...

Ela pousa o jornal no balcão.

Proprietário – É uma boa notícia, não é?

Ela – Depende.

Proprietário – Não se deve dar o coração a qualquer pessoa, isso é certo.

Ela – E, sobretudo, mais vale dá-lo em vida.

Proprietário – Não sei se estou a perceber...

Ela – «Vai dar o seu coração a um desconhecido»... Repare: não está na secção do amor, mas na da saúde...

Proprietário – Deve ser engano...

Ela – Tenho um doente à espera de um transplante cardíaco. Só nos falta um dador saudável. De preferência, morto.

Proprietário – Ah, pois...

Ela – Não podemos fazer nada senão esperar... É preciso que alguém morra para que outro possa viver.

Proprietário – É o destino...

Ela – Os acidentes acontecem num instante. Se calhar, até sou eu. Está escrito no meu horóscopo.

Ele coloca o café à frente dela.

Proprietário – Vejo que é uma pessoa muito otimista...

Ela – Nunca tive filhos. Seria a minha última oportunidade de dar a vida...

Proprietário – Tem mesmo a certeza de que não quer aquela aguardente?

Ela – Nunca quando estou de serviço... E se aparecer um dador e tiver de operar daqui a uma hora?

Proprietário – Se a doutora for a dadora, já não haverá ninguém para fazer a operação.

Ela – Nos transplantes cardíacos, o que falta são dadores, não cirurgiões. Ainda são operações pouco frequentes. Conheço quem fosse capaz de matar para fazer o primeiro transplante.

Proprietário – Nesse caso, bebo eu a aguardente e ofereço-lhe o café.

Ela – É um dono de café muito especial. Não é assim que vai fazer negócio.

O proprietário serve-se de uma aguardente e bebe-a de um trago.

Proprietário – Há muito que desisti de fazer fortuna. E não ofereço café a toda a gente, fique a saber...

Ela – Porquê a mim? Não se pode dizer que seja uma companhia agradável...

Proprietário – Sempre desconfiei das pessoas demasiado simpáticas. Tenho as minhas preferências. Há pessoas que me caem bem e outras que não.

Ela – Então tive sorte...

Proprietário – Afinal, ainda nem nos conhecemos... Talvez seja eu o seu belo desconhecido...

Ela – Nunca se sabe... Bem, tenho de ir...

Proprietário – Mais uma vida para salvar?

Ela – Não, mas estacionei num lugar reservado a pessoas com deficiência.

Proprietário – Com o distintivo médico no para-brisas, pode estacionar onde quiser sem levar multa, não é? Só por isso, gostava de ter estudado Medicina.

Ela – Obrigada pelo café...

Proprietário – Tenha cuidado ao atravessar a rua.

Ela – Mal nos conhecemos e já é uma mãe para mim. Se daqui a dez anos ainda estiver solteira, lembre-me de casar consigo.

Proprietário – Infelizmente... Quem querería casar com a própria mãe? *(Ela sai.)* É o drama da minha vida...

2. Coração sensível

O proprietário está atrás do balcão a ler o jornal. Entram um homem e uma mulher, que se sentam a uma mesa.

Ela – Aviso-te já que não tenho muito tempo... Daqui a uma hora volto ao trabalho. E o meu chefe está à espera da primeira oportunidade para me despedir...

Ele – Obrigado por sacrificares a pausa de almoço por mim.

Ela – Não estou a sacrificar nada... *(A olhar para a ementa)* Vou comer qualquer coisa. E tu?

Ele – Sim, sim, claro... Quero dizer, obrigado por teres aceitado almoçar comigo.

Ela pousa a ementa. Pausa.

Ela – Portanto, tinhas uma coisa para me dizer...

Ele – Sim...

Silêncio embaraçado.

Ela – Estou à espera...

O proprietário lança-lhes um olhar curioso.

Ele – Não sei muito bem como te dizer isto...

Ela – Como não temos muito tempo, vou ajudar-te... Queres sair comigo, é isso?

Ele *(apanhado de surpresa)* – Sim, quer dizer...

O proprietário aproxima-se e interrompe esta cena um tanto patética.

Proprietário – O que vão querer?

Ela – Uma salada niçoise... sem anchovas nem atum.

Ele *(a brincar)* – Uma sandes de fiambre e manteiga... sem manteiga. *(Ela não ri e o proprietário lança-lhe um olhar gelado.)* Estou a brincar. Uma sandes de fiambre e manteiga, por favor.

Proprietário – Uma niçoise e uma sandes de fiambre. Já saem.

O proprietário afasta-se.

Ela – Comes carne?

Ele – Bem... sim. Quer dizer, não.

Ela – Mas comes fiambre...

Ele – Sim, mas... Fiambre não é propriamente carne, pois não?

Ela – Viste a última reportagem sobre porcos criados em jaulas?

Ele – Não.

Ela – Se a tivesses visto, aposto que já não comias fiambre...

Ele – Desculpa, eu... Não sabia...

Ela – Foi isso que os alemães disseram depois da guerra, a propósito dos campos.

Ele – Disseram o quê?

Ela – Que não sabiam...

Ele – Está bem... Portanto, és vegetariana.

Ela – Vegana.

Ele – Está bem...

Ela – Não sabes a diferença, pois não?

Ele – Não.

Ela – Não como nenhum produto de origem animal. Também não uso couro. Nem peles, evidentemente.

Ele – Com o calor que está...

Ela – Desculpa?

Ele – Não, quero dizer... Eu também não uso peles. Já é um começo, não é?

Ela – Olha, vou ser franca. Nunca poderia sair com um homem que come fiambre. Mas podemos ser amigos, se quiseres... Também não somos sectários.

Ele – É assim tão grave? Quero dizer... É só uma fatia de fiambre.

Ela – Sabes em que condições foi criado aquele porco? Como viveu? Como foi abatido?

Ele – Não.

Ela – Alguma vez visitaste uma exploração de suínos?

Ele – Não.

Ela – Alguma vez visitaste um matadouro?

Ele – Não... E tu?

Ela – Também não, mas vi muitos vídeos sobre isso.

Ele – Está bem... Mas olha que nem gosto assim tanto de fiambre... Quer dizer, de carne, em geral.

Ela – Então eras capaz de te tornar vegano só para sair comigo?

Ele – Porque não? Claro! Sem dúvida...

Ela – E se eu fosse muçulmana ou judia e te pedisse que deixasses de comer porco e te convertesses à minha religião, fazias isso?

Ele – És muçulmana?

Ela – É só uma hipótese. Então?

Ele – Não sei... Talvez... Sou católico, mas também não faço grande questão disso. É como a carne...

Ela – No fundo, és muito influenciável.

Ele – Ou então... faço mesmo muita questão de sair contigo.

Ela – Pois... Mas não seria por convicção.

Ele – Que sairia contigo?

Ela – Que deixarias de comer carne! Era só para saíres comigo.

Ele – Sim, mas...

Ela – E assim que eu te deixasse, voltavas a comer carne.

Ele – Ainda nem começámos a namorar e já estás a pensar deixar-me?

Pausa.

Ela – Qual foi a tua pior experiência gastronómica?

Ele – Como?

Ela – A pior refeição da tua vida, se preferires.

Ele (*a brincar*) – Espero que não seja esta... (*Ela continua impassível.*) Não, eu... Não sei...

Ela – Pois eu sei qual foi a minha.

Ele – Está bem.

Pode ouvir-se música melodramática a acompanhar o relato deste episódio traumático.

Ela – Devia ter uns dez anos. Fomos jantar com os meus pais a casa de uns amigos deles. Um médico e a mulher. Na verdade, nem eram amigos. Eram os nossos novos vizinhos. A minha mãe tinha-os convidado para lhes dar as boas-vindas ao bairro e eles estavam a retribuir o convite. Os meus pais são pessoas muito simples. Sentiram-se certamente lisonjeados por serem convidados a jantar em casa de um cirurgião. Pensavam que aqueles grandes burgueses iam preparar um banquete de luxo. Bebemos um aperitivo, conversámos um bocado e sentámo-nos à mesa. A loiça era de porcelana, a toalha imaculadamente branca. Havia tantos talheres que nem sabíamos qual usar primeiro. Depois da salada, chegou o prato principal. E sabes o que o cirurgião pôs em cima da mesa?

A música para bruscamente.

Ele – Estás a assustar-me...

Ela – Um coração!

Silêncio.

Ele – Um coração humano?

Ela – Não, isso não... Pelo menos, acho que não. Devia ser um coração de boi.

Ele – Um coração de boi... Nem sabia que isso se comia... O bofe, ainda vá, para os gatos... Acho que é o pulmão... Mas um coração!

Ela – E aqueles dois sádicos ainda tiveram o descaramento de nos perguntar se gostávamos.

Ele – E então?

Ela – Os meus pais são extremamente bem-educados... E como estávamos em casa de um médico, imagina... A minha mãe respondeu muito delicadamente: «Mas claro! Nunca comemos, mas há sempre uma primeira vez, não é verdade?»

Ele – Porra...

Ela – E o meu pai ainda acrescentou: «Ah, coração de boi, que original! Sempre é diferente. Nunca nos lembramos de comprar isso. Devíamos fazer mais vezes, não achas, querida?» Eu, claro, estava cheia de náuseas. Disse que não gostava. A minha mãe insistiu: «Não podes dizer que não gostas sem provar!» E o médico deu-nos uma lição: «Sabem que entre os povos primitivos os guerreiros comiam o coração dos inimigos para adquirirem a sua força?» E a mulher rematou: «Além disso, coração de boi faz muito bem à saúde. É riquíssimo em proteínas. Não se diz que alguém é forte como um boi?» E lá fiquei eu com um pedaço enorme de coração no prato.

Ele – Não havia mais nada para comer?

Ela – Salada verde.

Ele – Coração com salada...

Ela – E nem é fácil de cortar. Parece uma sola de borracha, estás a ver? Já comeste alguma?

Ele – Uma sola de borracha...?

Ela – E toda a gente ali a mastigar o coração de boi, a fazer força para o engolir, enquanto conversava sobre o tempo, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

Ele – E é bom? Quero dizer... A que sabe?

Ela – A nada. Tem a consistência de uma pastilha elástica. Desde esse dia, nunca mais masquei pastilha elástica. E, sobretudo, tornei-me vegana de um dia para o outro. Antes mesmo de a palavra existir. Às vezes pergunto-me se não fui eu que inventei o conceito...

Ele – Realmente... Dá para ficar traumatizada para toda a vida...

Ela – Espera... E se afinal tinhas razão...?

Ele – Como assim?

Ela – Agora pergunto-me se aquilo seria mesmo um coração de boi.

Ele – Não era?

Ela – Bem, ele era cirurgião, sabes... Quando transplantam um coração novo para um doente, nunca se sabe muito bem o que fazem ao antigo. Não imagino muitos doentes a pedir o coração de volta para o guardar num frasco como recordação.

Ele – Achas que há cirurgias canibais?

O proprietário regressa com a sandes e a salada.

Proprietário – Cá está. Uma sandes de fiambre e uma niçoise sem anchovas nem atum. Pus cavala no lugar. *(A mulher fulmina-o com o olhar. Ele acrescenta, sem se rir.)* Estou a brincar. Bom apetite.

O homem olha para a sandes e afasta-a.

Ele – Não, tens razão. Não seria honesto da minha parte.

Ela – O quê?

Ele – Deixar de comer carne só para sair contigo. Tenho de acreditar nisso.

Ela – Pois...

Ele – O problema é que deixar de comer carne é como deixar de fumar. Quando se está viciado...

Ela – Então, desistes de...

Ele – Já sei o que vou fazer.

Ela – Agora és tu que me assustas.

Ele – Vou ao talho mesmo em frente. Compro um coração de boi e como-o inteiro. Depois disso, acho que fico definitivamente enojado da carne. Como tu.

Ela – Fazias isso por mim? Comias um coração de boi?

Ele – O que achas?

Ele levanta-se. Surpreendida, ela também se levanta.

Ela – Mas... Vais já?

Ele – Se pensar muito, ainda desisto.

Ela – E... Tens alguma receita?

Ele – Vou comê-lo cru. Sou um guerreiro, não sou?

Ela – Bem...

Ele – Vá, deseja-me sorte.

Ele abraça-a e, aproveitando a surpresa, beija-a na boca longa e apaixonadamente. Sai. Ela vê-o afastar-se, atónita. O proprietário, que assistiu a tudo, aproxima-se.

Proprietário – Não gostou da sandes de fiambre?

Ela – Decidiu tornar-se vegano.

Proprietário – Pelo menos, parece muito motivado...

Ela – Sim...

3. Um peso no coração

O proprietário passa um pano pelo balcão. Entra um casal, que se senta a uma mesa.

Ele – Tens a certeza de que é boa ideia?

Ela – O quê?

Ele – Tomarmos um último copo juntos.

Ela – Estivemos casados dez anos. Não vamos despedir-nos assim, no gabinete de um juiz. Seria demasiado triste.

Ele – Pois...

O proprietário aproxima-se.

Proprietário – O que vão tomar?

Ela – O que queres?

Ele – Não sei... *(Irónico)* Champanhe?

Ela – Porque não...?

Ele – Então duas taças, por favor.

Proprietário – Lamento, só tenho espumante barato, para fazer cocktails. Sabe, com um hospital mesmo em frente, não abrimos champanhe todos os dias.

Ele – Está bem... Então um café.

Ela – Para mim também.

Proprietário – Dois cafés, portanto.

O proprietário afasta-se.

Ela – Pronto... Agora acabou mesmo?

Ele – Era o que queríamos, não era?

Ela – Claro. Mas isso não impede...

Ele – Estás arrependida?

Ela – Um divórcio é sempre um fracasso. Tenho pena de não ter resultado.

Ele – Eu também...

Pausa.

Ela – Por outro lado, foste tu que me traíste.

Ele – Sim...

Ela – Desculpa, não queria voltar a esse assunto... Estamos divorciados, já não tens de me dar satisfações.

Ele – Não... *(Pausa.)* E tu, nunca me traíste? Agora podes dizer-me.

Ela – Não.

Ele – Nem uma aventura sem consequências?

Ela – Não.

Ele – Nem um beijinho às escondidas, uma noite, depois de uns copos a mais?

Ela – Não.

Ele – Pois, claro... És tão perfeita...

Ela – Pela maneira como o dizes, não me parece um elogio...

O proprietário traz os dois cafés.

Proprietário – Aqui estão...

Ela – Obrigada.

O proprietário afasta-se.

Ele – Posso perguntar-te uma coisa? Agora que já acabou tudo...

Ela – Outra vez?

Ele – Até agora ainda não confessaste nada...

Ela – Se é um interrogatório... Força, estou a ouvir...

Ele – Em todos os anos que passámos juntos, mentiste-me alguma vez? Uma única vez que fosse?

Ela – Menti?

Ele – Nem que fosse por omissão. Alguma coisa importante que me escondeste. Uma coisa de que não te orgulhasses, naturalmente. Senão não tem interesse...

Ela – Porque me perguntas isso agora?

Ele – Não sei... Saber que afinal não eras assim tão perfeita... Ajudava-me a fazer o luto.

Ela – Mas eu não morri.

Ele – Quero dizer, o luto da nossa relação. Do nosso amor, se me permites.

Ela – Permito.

Ele – Então?

Ela – Se isso te ajuda...

Ele – Estou a ouvir.

Ela – Não é assim tão fácil...

Ele – Não me digas que tens muito por onde escolher.

Ela – Não, é precisamente o contrário. Estou a pensar...

Ele – Tenho todo o tempo do mundo.

Ela – Lembras-te do nosso primeiro carro?

Ele – Sim.

Ela – Um dia de manhã, encontrámo-lo na rua com um guarda-lamas todo amolgado.

Ele – Sim.

Ela – E, claro, ninguém tinha deixado um bilhete para o seguro.

Ele – Não.

Ela – Fui eu. Ao sair de marcha-atrás, bati no pilar do portão. O carro era novo e não tive coragem de te contar. Tinha tanta vergonha... Estacionei-o na rua e não disse nada.

Ele – Eu já sabia.

Ela – Sabes?

Ele – Havia marcas de tinta no pilar do portão. Devem continuar lá.

Ela – E não disseste nada?

Ele – Parecias tão apegada àquela mentira... O que é que isso mudava?

Ela – Provavelmente nada. Mas porque ficaste calado?

Ele – Dás cabo do nosso carro novo, inventas uma mentira patética... Não sou polícia. O que é que havia de dizer?

Ela – Sei lá. Podias ter... marcado um ponto.

Ele – Não era assim que eu via o nosso casamento. A mentira era tão infantil... Quase ternurenta. Pensei que para ti devia ser importante. Prefiri poupar-te à humilhação...

Ela – Obrigada... Foi simpático da tua parte.

Ele – Pois... *(Pausa.)* Mas agora estás a gozar comigo.

Ela – Nada disso. É verdade, garanto-te.

Ele – Quando me perguntaste se te tinha traído, fui sincero. Podia ter negado. Talvez ainda estivéssemos casados. Agora é a tua vez de jogar limpo. Tem de haver mais alguma coisa... Uma coisa mais grave...

Silêncio.

Ela – Está bem... Lembras-te de quando foste três dias a um congresso fora da cidade?

Ele – Sim.

Ela – Disse-te que ia ao hospital fazer um exame de rotina.

Ele – Ah, sim... Lembro-me.

Ela – Fui fazer uma interrupção voluntária da gravidez.

Ele – Uma interrupção da gravidez...?

Ela – Um aborto, se preferires...

Ele – Tínhamos decidido ter um filho... Tinhas deixado de tomar a pílula...

Ela – Sim...

Ele – Não compreendo.

Ela – Eu também não...

Ele – E depois?

Ela – Não sei... Tive medo.

Ele – Medo?

Ela – Medo de não ser capaz. Medo de que me deixasses... E, entre nós, não estava totalmente enganada.

Ele – Não troques os papéis... Se tivéssemos tido esse filho, talvez tudo tivesse sido diferente.

Ela – Talvez...

Pausa.

Ele – Como foste capaz de nos fazer isso?

Ela – Obrigada por não dizeres «fazer-me isso»... Não sei explicar. Não me senti capaz. Capaz de assumir aquilo.

Ele – Aquilo?

Ela – Dar a vida. Ser mãe.

Ele – Podias ter falado comigo. Partilhado isso comigo.

Ela – Nunca tive coragem de te contar... Tinha demasiada vergonha...

Ele – Como com o carro.

Ela – Desculpa, a sério. Tive medo...

Ele – Eu assustava-te assim tanto? Até por causa do carro...

Ela – Era de mim própria que eu tinha medo. *(Pausa.)* Achas mesmo que as coisas podiam ter sido diferentes?

Ele – As coisas são como são. Não serve de nada imaginar, a posteriori, o que podia ter acontecido. Pelos vistos, nós os dois não tínhamos futuro.

Silêncio.

Ela – Acho melhor irmos embora.

Ele – Sim...

Levantam-se para sair.

Ela – Ainda te encontras com ela?

Ele – Com quem?

Ela – A mulher com quem me traíste.

Ele – Ah, essa...

Ela – Nunca me disseste quem era. Agora podes contar-me. Conheço-a?

Ele – Para quê...?

Pausa.

Ela – Tu nunca me traíste.

Ele – Não...

Ela – Então porque...

Ele – Era mais fácil assim.

Ela – Queres dizer, mais fácil para mim.

Ele – Mais fácil para os dois... Acho que devíamos ir andando...

Ela – Vamos.

Saem.

4. Coração de boi

O proprietário recolhe uns copos do balcão e mergulha-os num lava-loiça fora de vista. Entram um homem e uma mulher. O homem olha para o balcão com desconfiança e algum nojo. Sentam-se a uma mesa.

Ele – Isto é uma porcaria. Não sei porque continuo a vir cá.

Ela – É o único café em frente ao hospital...

Ele – Pensa nas regras de higiene que nos impõem no hospital... Basta um doente apanhar uma infeção hospitalar no teu serviço, nem que seja uma constipação, e põe-te um processo. Depois vem aqui beber o copinho de vinho tinto num copo mal passado por água entre dois clientes: um pode ter hepatite e o outro ébola.

Ela – Pois...

Ele – Estás a ver? A loiça suja fica de molho no lava-loiça o dia inteiro. É uma cultura de micróbios... Ao fim do dia, já trocaste germes com metade da cidade. Infeções hospitalares, que disparate! E uma doença apanhada num café, como se chama?

Ela – Cirrose hepática?

O proprietário aproxima-se.

Proprietário – O que vão tomar?

Ele – Não sei... Um sumo de tomate.

Ela – Um café.

O proprietário afasta-se.

Ele – Não sei porque peço sumo de tomate. Detesto.

Ela – A certa altura, já não sabemos o que pedir.

Ele – Os refrigerantes têm açúcar a mais. Devia ter pedido um sumo de fruta.

Ela – Ainda vais a tempo...

Ele – Sei lá... Viste a cara do homem? Não tem ar simpático.

Ela – Queres que vá lá?

Ele – Agora é tarde, já abriu a garrafa. Sou mesmo assim. Vou ter de beber um sumo de tomate quando não suporto aquilo. E o tomate ainda por cima dá-me azia. A ti não?

Ela – Não.

Ele – Pois, eu não o bebo e pronto...

Ela (*a mudar de assunto*) – O que vais fazer este verão?

Ele – Ainda não sei... Talvez passe uma ou duas semanas em casa dos meus pais, como todos os anos.

Ela – És muito chegado aos teus pais, então.

Ele – Nem por isso. São uns chatos, mas têm uma moradia com piscina perto da costa.

Ela – Quando se é chato e se quer continuar a ver os filhos depois de eles saírem de casa, tem de se investir numa piscina. Pensa nisso para os teus, quando chegar a altura...

Ele – Pois... A menos que não me apeteça vê-los tantas vezes.

Ela – E de resto, tudo bem?

Ele – Sim, só que... a minha mulher voltou a convidar os vizinhos para jantar.

Ela – E então?

Ele – Não é que sejam más pessoas, mas... também são uns chatos...

Ela – E porque é que ela os convidou?

Ele – Mudámo-nos há pouco para o bairro. Tiveram a amabilidade de nos convidar a casa deles para nos conhecermos. Sentimo-nos obrigados a retribuir. Tenho medo de que isto se torne um hábito, percebes?

Ela – Percebo perfeitamente.

Ele – Agora que pusemos esta engrenagem a funcionar...

Ela – Talvez tenha uma solução.

Ele – Uma solução?

Ela – Para garantires que nunca mais voltam a jantar em tua casa.

Ele – Como assim?

Ela – Aconteceu-me o mesmo há uns anos, quando comprei a casa.

Ele – E então?

Ela – Os vizinhos convidaram-nos. Professores, estás a ver? De esquerda, evidentemente. Ecologistas, quase vegetarianos, mas que de vez em quando comem carne, desde que seja biológica.

Ele – Estou mesmo a ver. Simpáticos, mas de uma maçada insuportável. E como te livraste deles?

Ela – Quando lhes retribuímos o convite, servi-lhes um prato um bocadinho especial.

Ele – Especial?

Ela – Um coração.

Ele – Um coração? Como assim, um coração?

Ela – Um coração de boi. Assim, sem mais nada. Só com salada.

Ele – Um coração de boi? Nem sabia que se comia... Onde é que arranjaste isso?

Ela – No talho da esquina.

Ele – Nem sabia que vendiam.

Ela – Nem mo venderam. Ofereceram-mo.

Ele – A sério? E eles comeram aquilo?

Ela – São pessoas muito educadas, estás a ver. Professores, como te disse. Tolerância, respeito pelas diferenças... Não se atreveram a reclamar. Aquele discurso: «Respeito os costumes dos outros, mesmo quando são diferentes dos meus, e esforço-me por partilhar o que me oferecem, ainda que não corresponda aos meus valores.» Taparam o nariz e comeram tudo.

Ele – E depois?

Ela – Nunca mais os vimos.

Ele – Nunca mais?

Ela – Cruzamo-nos de vez em quando, claro, somos vizinhos. Mas nunca mais tiveram coragem de nos convidar, com medo de que retribuíssemos o convite com um prato ainda pior... Ficaram traumatizados, garanto-te.

Ele – Incrível...

Ela – Devias ter visto as caras deles quando pus aquilo na mesa... Devia ter tirado uma fotografia. Aliás, acho que tirei...

Ele – Bolas... Mas tu também tiveste de comer aquilo.

Ela – É preciso saber o que se quer. É só um mau bocado. Depois, ficas descansado para o resto da vida.

Ele – Está bem... Não sei... Vou falar com a minha mulher...

Ela – Nem penses nisso, desgraçado!

Ele – Porquê?

Ela – Porque é evidente que não ia concordar!

Ele – Pois, provavelmente.

Ela – Faz-lhe uma surpresa. Dizes: «Hoje sou eu que cozinho, querida.»

Ele – Só isso já vai ser uma surpresa, de certeza...

Ela levanta-se.

Ela – Bem, tenho de ir.

Ele – Está bem.

Ela – Depois contas-me como correu o jantar, sim?

Ele – Espera, ainda nem me serviram o sumo de tomate...

Ela – Vais ver, resulta sempre. Se queres deixar de os receber sem te zangares com eles, não há melhor solução. E há um talho mesmo em frente.

Ele – Obrigado pelo conselho! Tens razão, vou fazer isso...

Ela – Quando se pode ajudar...

Ela sai.

5. Presente do coração

O proprietário espera, sem nada para fazer, atrás do balcão. Entram um homem e uma mulher.

Ela – Olá, Manuel.

O proprietário responde com um aceno de cabeça. Sentam-se a uma mesa. Ele aproxima-se para anotar o pedido.

Proprietário – O que vão tomar?

Ela – O costume.

Proprietário – E o senhor?

Ele – O mesmo.

Proprietário – O mesmo que a senhora ou o mesmo de sempre?

Ele – Como?

Proprietário – Não faço ideia do que o senhor costuma tomar!

Ele – Mas venho aqui todas as manhãs, tal como ela.

Proprietário – E então? Há caras de que me lembro e outras que prefiro esquecer...

Ele – Então traga-me o mesmo que a ela.

Proprietário – Dois cafés...

O proprietário afasta-se.

Ele – Sempre tão simpático...

Ela – É preciso saber lidar com ele.

Ele – Que idiota.

Ela – Sabes como se chama o idiota?

Ele – Não.

Ela – Manuel.

Ele – Parecem muito íntimos, tu e esse... Manuel.

Ela – Venho cá todos os dias tomar café antes de ir trabalhar...

Ele – Eu também. Mas a mim faz de conta que não me conhece.

Ela – Tens ciúmes?

Ele – Se calhar é ele que tem ciúmes... Conhecês assim tão bem o homem?

Ela – Nunca conversámos a sério.

Ele – Então como sabes que se chama Manuel?

Ela – Não sei... Toda a gente sabe. Pelo menos, todos lhe chamam Manuel e ele nunca se queixou.

Pausa.

Ele – Está tudo bem?

Ela – Sim.

Ele – O que te apetece fazer?

Ela – Não sei...

Ele – Está bom tempo... Não vamos enfiar-nos numa sala de cinema. Damos uma volta?

Ela – Como quiseres.

Ele – Não mostres tanto entusiasmo... Estás preocupada com alguma coisa?

Ela – Não... Nada de especial.

Ele – Não sei... Há alguma coisa de que queiras falar comigo?

Pausa.

Ela – Está bem... Se um dia me acontecer alguma coisa, quero doar os meus órgãos.

Ele fica momentaneamente perplexo.

Ele – A quem?

Ela – Não sei! A quem precisar deles.

Ele – Precisar...?

Ela – Estás a fazer-te de parvo? Para um transplante!

Ele – Ah, sim... Está bem...

Ela – Ando com o meu cartão de dadora, mas, por via das dúvidas...

Ele – Está bem.

Ela – Tenho de dizer isto a alguém. Porque, quando já não puder falar...

Ele – Sim.

Ela – E, se ficar em morte cerebral, não quero que me mantenham artificialmente viva.

Ele – Está bem... Mas olha que ainda não somos casados. Nem sei se me deixam ter uma palavra a dizer. Provavelmente seriam os teus pais a decidir.

Ela – Estão mortos.

Ele – Ah, pois é... Então os teus irmãos.

Ela – Estou de relações cortadas com a família toda.

Ele – Nesse caso, só nos resta casar. Assim fico eu a dispor de todos os teus órgãos.

Ela – Isso é um pedido de casamento? Porque seria seguramente o mais original da história dos pedidos de casamento.

Ele – Queres casar comigo?

Ela – Quero... *(Pausa.)* E tu?

Ele – Claro, acabei de pedir a tua mão... Quer dizer, a mão, o coração, os pulmões, o fígado e o resto...

Ela – Não era isso. E tu, se te acontecesse alguma coisa? Agora também vou poder dispor dos teus órgãos.

Ele – Ah, que romantismo...

Ela – Então?

Ele – Não sei... Nunca pensei a sério nisso... Nem sangue dou, tirando o que dou aos mosquitos.

Ela – Fazes mal.

Ele – Se, ao morrer, pudesse deixar-te o meu coração para te salvar a vida, acho que o fazia. Mas dar o meu coração a um desconhecido... Pode calhar-me um idiota qualquer. Os idiotas também sofrem do coração. Menos do que os outros, está bem, mas sofrem...

O proprietário aproxima-se.

Proprietário – Aqui estão os dois cafés... *(Dirigindo-se ao homem.)* Posso receber já?

O homem tira umas moedas e coloca-as sobre a mesa. O proprietário recolhe-as e afasta-se sem dizer nada.

Ele – Imagina que eu morria e aquele imbecil precisava de um transplante. Francamente, ficava furioso se lhe dessem o meu coração.

Ela – É um risco que temos de correr.

Ele – Bem... Se isso te faz feliz, também arranjo um cartão de dador...

Ela – Faz-me feliz, sim. E agora apetece-me ir dar um passeio contigo pelo bosque.

Ele – Pelo bosque?

Ela levanta-se.

Ela – Vamos?

Ele – Posso beber o café primeiro?

Ela – Está bem, mas despacha-te.

Ele prepara-se para beber o café.

6. Dor no coração

O proprietário está atrás do balcão. Entra uma pessoa, com um ar ausente. Este papel pode ser interpretado por um homem ou por uma mulher.

Proprietário – O que lhe sirvo?

Cliente – Não sei... O que lhe apetecer...

Proprietário – O que me apetecer? Tem a certeza?

Cliente – No estado em que estou... O que é que tenho a perder? Surpreenda-me...

Proprietário – Então vou servir-lhe um licor das Carmelitas Descalças. Está com tão má cara que lhe vai fazer bem.

Ele prepara o licor.

Cliente – Um Licor das Carmelitas Descalças? Ainda existe isso?

Proprietário – Confesso que raramente sirvo este licor... E não tenciono voltar a encomendá-lo.

Cliente – Admitindo que ainda o fabriquem. Não estará fora de prazo?

Proprietário – Disse-me «o que lhe apetecer». Tem de se decidir! Vai beber ou não?

Cliente – Se puder ajudá-lo a escoar o stock...

O proprietário serve-lhe o licor.

Proprietário – Não parece estar nos seus melhores dias...

Cliente – Não... Ando à procura de um coração disponível.

Proprietário – Estamos todos, a certa altura da vida... Há mais procura do que oferta.

Cliente – Nem imagina como tem razão.

Proprietário – Perdeu a sua cara-metade?

Cliente – A minha mulher é que pode ficar viúva em breve... se eu não encontrar depressa alguém que me dê o coração.

Proprietário – Não sei se percebi...

Cliente – Acabei de sair do hospital. Estou à espera de um transplante. Por agora, não há dador.

Proprietário – Um dador? Ah, claro...

Cliente – Evidentemente, não se dá um coração como se dá sangue. O dador tem de estar morto e é preciso reunir todas as condições.

Proprietário – Estou a ver...

Cliente – Tem de ser relativamente novo, portanto é mais provável que tenha morrido num acidente. O coração tem de estar em bom estado. E a família tem de autorizar.

Prepara-se para beber.

Proprietário – Tem a certeza de que quer beber isso?

Cliente – De alguma coisa se há de morrer...

Prova o licor e faz uma careta.

Proprietário – Então?

Cliente – Realmente, é preciso ter um coração resistente... Nunca provou?

Proprietário – Estava à espera de ver o efeito numa cobaia.

Cliente – Se ainda estiver vivo amanhã de manhã, venho contar-lhe.

Proprietário – Se soubesse, servia-lhe outra coisa. Devia ter-me contado. Agora vou ficar preocupado.

Cliente – Às tantas, até era mais simples assim. Já me vejo nas notícias: «Sem conseguir encontrar um coração compatível com o seu, pôs fim à vida ao beber um Licor das Carmelitas Descalças fora de prazo desde...» (*Consulta o rótulo da garrafa.*) 1984!

Proprietário – Essa é mesmo uma grande colheita... Mas vá, não desanime. Um acidente acontece num instante.

Cliente – Um acidente?

Proprietário – A um possível dador! A rua aqui em frente é perigosíssima, com todos aqueles camiões. Há um projeto de rotunda, mas... Quase todos os meses atropelam um peão na passadeira. E como o hospital fica mesmo à frente...

Cliente – Sabe que mais? Esta conversa até me animou um bocadinho...

Proprietário – É a vida... A roda gira... A desgraça de uns...

Cliente – Acho que afinal não vou acabar o licor. Quanto lhe devo?

Proprietário – Nada. Quer outra coisa para tirar o sabor? Um Bloody Mary? Também ajuda a recuperar as forças. Ou um digestivo de ervas?

Cliente – É tentador, mas... Não, fico-me por aqui.

Proprietário – Bem, então até à próxima...

Cliente – Quem sabe?

Levanta-se para sair.

Proprietário – Tenha cuidado ao atravessar a rua.

Cliente – Agradeço-lhe o licor.

Sai. O proprietário pega no copo, cheira o conteúdo e torce o nariz, enojado.

Proprietário – Realmente, isto é forte...

Ouve-se uma travagem brusca, seguida de um estrondo de chapas amolgadas. O proprietário ergue a cabeça e olha para a quarta parede, que representa a montra do café virada para a rua.

Proprietário – Realmente, isto é forte...

7. Batimento do coração

O proprietário limpa uns copos atrás do balcão. Entra um casal, que se senta. Silêncio. O proprietário aproxima-se.

Proprietário – O que vão tomar?

Ela (*perentória*) – Por agora, nada. Estamos à espera do terceiro...

Proprietário – Está bem...

O homem fica surpreendido. O proprietário afasta-se.

Ele – Não sabia que estávamos à espera de alguém...

Ela – Nem eu.

Ele – Como assim? Quem é?

Ela – Não sei... Ainda nem nome tem...

Ele – Estás a gozar comigo?

Pausa.

Ela – O que dirias se eu te dissesse que estou grávida?

Ele demora um instante a assimilar a pergunta.

Ele – Para começar, diria que há aí um problema de concordância de tempos verbais.

Ela – Como?

Ele – Devias dizer «se eu te dissesse que estava grávida», não «que estou grávida». Depois de uma oração condicional no imperfeito, usa-se o imperfeito.

Ela – Ah, está bem...

Ele – Estás grávida?

Ela – Não disse isso...

Ele – Então estamos a falar de uma hipótese.

Ela – Se tu o dizes...

Ele – Não tens a certeza?

Ela – Queres ver um teste?

Ele – Um teste de quê?

Ela – Da carta de condução, claro! Qual havia de ser?

Ele – Não devias brincar com essas coisas.

Ela – Não estou a brincar. Só queria falar sobre o assunto. Então?

Ele – Um filho... Começa sempre por se conjugar no condicional, não é?

Ela – Só depende de nós transformar o condicional em indicativo.

Ele – Desde que não o conjugues no imperativo...

Ela – Ainda não me respondeste...

Ele – A quê?

Ela – O que dirias se eu te dissesse que... estava grávida?

Ele – Não sei... Diria... fantástico!

Ela – Fantástico?

Ele – Fantástico... Mas estamos de acordo que não estás grávida...

O proprietário regressa.

Proprietário – Continuam à espera do terceiro?

Ela pousa a mão na barriga.

Ela – Já cá está... Agora podemos pedir...

O homem olha para ela, perplexo.

Proprietário – Fantástico.

8. Um coração para dois

O proprietário está atrás do balcão a ler o jornal. Entram dois homens, que se sentam a uma mesa.

Um – Café? *(O outro acena afirmativamente.)* Manuel! Dois cafés.

Dois – Chama-se Manuel?

Um – Não sei... Chamo Manuel a todos os donos de cafés. Assim tenho a certeza de que não me engano.

Dois – Está bem...

Um – É um doente meu. Tirei-lhe o apêndice há dez anos, as hemorroidas há cinco, a tiroide há três e um pulmão no ano passado.

Dois – Bolas... Deve estar muito agradecido. Graças a ti, já perdeu uns três quilos.

O proprietário traz os cafés.

Proprietário – Aqui estão, doutor...

Dois – Ao menos reconheceu-te.

Um – Nem tenho a certeza. Chama doutor a todos os clientes. Como estamos em frente ao hospital... Na pior das hipóteses, se não forem médicos, ficam lisonjeados. *(Mexem os cafés em silêncio antes de os beberem.)* Então, já temos um dador?

Dois – Parece que sim...

Um – Uma mulher atirou-se para debaixo de um camião mesmo em frente ao hospital.

Dois – Atirou-se?

Um – Não sabemos bem... Pode ter sido um acidente. Foi a cabeça que sofreu o impacto. Morte cerebral. De resto, está tudo em perfeito estado. Estamos à espera da decisão da família.

Dois – Muito bem.

Um – Sim, mas temos dois doentes à espera de transplante...

Dois – Ah, tu também?

Um – Sabes perfeitamente.

Dois – Pensei que o teu precisasse de um fígado...

Um – Precisa de um coração.

Dois – Um coração para dois... E os processos clínicos são praticamente iguais. Não vai ser fácil escolher.

Um – Então como fazemos? Atiramos uma moeda ao ar?

Dois – Aceito o desafio!

Um tira uma moeda do bolso.

Um – Daqui a um mês, só um dos nossos doentes estará vivo. Cara, o teu. Coroa, o meu.

Atira a moeda ao ar, apanha-a, abre a mão para ver o resultado e só depois a guarda.

Dois – Mas sabemos que não é assim que as coisas funcionam...

Um – Pois não. *(Pausa.)* Há quanto tempo nos conhecemos?

Dois – Desde a faculdade...

Um – Desde o segundo ano, acho eu.

Dois – Sim...

Um – Estávamos apaixonados pela mesma rapariga.

Dois – Uma aluna do primeiro ano.

Um – Que acabou por ser tua mulher.

Dois – Nunca percebi o que é que ela viu em mim... que não visse em ti.

Um – Espalhaste na faculdade o boato de que eu tinha um micropénis. Acho até que fizeste circular uma montagem fotográfica...

Dois – Ah, é verdade. Já me tinha esquecido.

Um – Só soube muitos anos depois.

Dois – Não pensei que ela fosse engolir uma coisa tão grande.

Um – Ainda estamos a falar do meu micropénis?

Dois – Achas mesmo que ela me escolheu por causa disso?

Um – Deve ter tido alguma influência... Eu gostava mesmo muito dela, sabes...

Dois – Um coração para dois... Há sempre um que fica de fora.

Um – Naquela altura, fui eu.

Dois – Ela deixou-me uns anos depois. Nunca mais a viste?

Um – Vi... Uma vez... Também me tinha acabado de divorciar... Jantámos juntos... E depois não deu em nada...

Dois – Mas ela sabia daquela história...?

Um – Não sei... Não tive coragem de perguntar... Imagina-me, entre o café e a conta, a sussurrar-lhe ao ouvido que, ao contrário do que o ex-marido dizia, eu tinha uma pila de tamanho normal...

Dois – Pois...

Um – Acho que já era tarde demais. Não sei se a vingança é um prato que se serve frio, mas o amor não é um prato que se sirva requeimado.

Dois – Então queres vingar-te?

Um – Não. Mas parece-me que me deves um coração.

Dois – Tens uma interpretação muito pessoal do juramento de Hipócrates... Porque estás tão empenhado em salvar o teu doente?

Um – Digamos que estabeleci com ele uma relação... muito especial.

Dois – Sabes perfeitamente que também não funciona assim.

Um – Ah, não?

Dois – Estás a pedir-me que condene antecipadamente o meu doente?

Um – Tu é que disseste. Um coração para dois... Um deles fica sempre de fora.

Dois – Não depende só de mim. É uma decisão colegial, como bem sabes.

Um – Mas podias tornar o processo clínico do teu doente um pouco menos favorável, para que o meu parecesse mais convincente.

Dois – E se me recusar?

Um – Também posso fazer circular um boato. Só que, desta vez, não tenho a certeza de que seja mentira.

Dois – Por exemplo?

Um – As enfermeiras não ficam muito tempo no teu serviço. Sabemos os dois porquê. E a rapariga que foi atropelada em frente ao hospital, quer tenha sido de propósito quer não, trabalhava contigo.

Dois – Vou ver o que posso fazer...

Prepara-se para tirar uma nota do bolso.

Um – Deixa estar. Os cafés são por minha conta.

9. O coração na mão

O proprietário dormita atrás do balcão. Entram duas pessoas (homens ou mulheres), que se sentam a uma mesa.

Um – Aquele também parece estar em coma profundo...

Dois – O que fazemos? Acordamo-lo?

Um – Esperamos que acorde sozinho.

Dois – Um milagre é sempre possível.

Silêncio.

Um – E quanto a ela, o que fazemos?

Dois – Francamente... Não sei o que pensar.

Um – Temos de tomar uma decisão. O médico disse que não há tempo a perder.

Dois – Pois.

Um – Logicamente, devíamos dizer que sim.

Dois – Logicamente? É a nossa irmã...

Um – Sim... Alguma vez a ouviste falar deste assunto?

Dois – Já não nos víamos há anos... E, mesmo antes, não era o tipo de conversa que tivéssemos uns com os outros.

Um – Por isso cabe-nos decidir. Como se fosse connosco.

Dois – Queres dizer... Como se precisássemos de um transplante?

Um – Como se estivéssemos no lugar dela! No lugar da pessoa que morreu... O que fazias tu? Se pudesses escolher entre doar os órgãos e levá-los contigo para a sepultura...

Dois – Claro, em princípio... Já que vamos morrer, se pudermos salvar uma vida...

Um – Mas, por outro lado...

Dois – Imaginar que lhe vão abrir o peito e tirar o coração para o pôr dentro do peito de outra pessoa...

Um – Uma pessoa que nem sequer conhecemos.

Dois – Ainda bem... Só faltava conhecê-la! Preferias conhecê-la?

Um – Preferia que a nossa irmã não estivesse morta.

Pausa.

Dois – Aliás, pode mesmo dizer-se que está morta?

Um – Segundo os médicos, está em morte cerebral.

Dois – E o que significa isso, exatamente? Sabes?

Um – É mais ou menos assim: a casa ainda está de pé, o aquecimento continua ligado, mas já não mora lá ninguém. O dono foi-se embora, deitou a chave fora e nunca mais volta.

Dois – Está bem.

Um – Então aproveita-se a caldeira e instala-se noutra casa onde a caldeira avariou, para que o dono possa continuar a viver lá sem morrer de frio.

Dois – Já acabaste as metáforas de canalizador?

Um – Estou a tentar explicar-te...

Dois – Portanto, tu és a favor?

Um – Tu também, não és? Sabíamos que íamos ter de chegar a isto.

Dois – Sim...

Um tira um documento do bolso.

Um – Vá, acabemos com isto... *(Estende-lhe o documento.)* Tens de assinar aqui.

Dois – Assina tu... Eu não sou capaz...

Um – Mas são precisas as duas assinaturas.

Dois – Imita a minha.

Um – Isso seria falsificar uma assinatura...

Dois – Tens medo de quê? Que eu te ponha um processo por imitares a minha assinatura?

Um – Mas se concordas, porque é que não assinas?

Dois – Concordo, mas não consigo assinar. É só isso. Não compreendes? *(Levanta-se para sair.)* Por uma vez que te peço alguma coisa!

Um – Mas tu detestavas a nossa irmã...

Dois – Precisamente... Se fosse um gesto de amor, talvez... Era mais fácil. Mas assim... Não me sinto capaz de decidir por ela. *(O proprietário desperta atrás do balcão.)* Olha, já acordou... Nunca estamos livres de um milagre!

A personagem sai, deixando a outra perplexa. O proprietário aproxima-se.

Proprietário – O que lhe sirvo?

10. De bom coração

O proprietário espera atrás do balcão. Entra um homem com aspeto de mafioso ou traficante e senta-se ao balcão.

Proprietário – O que vai ser?

Cliente – Um descafeinado, comprido, com um pingo de leite, se faz favor.

O proprietário observa o cliente, cuja aparência não combina com o pedido.

Proprietário – Vou ver o que posso fazer...

Prepara-lhe o café.

Cliente – Esta rua é perigosa. Por pouco não fui atropelado por um autocarro.

Proprietário – Pois... Ontem foi atropelada uma mulher...

Cliente – Está muito grave?

Proprietário – Morreu... Quer dizer, pior é difícil.

Cliente – Conhecia-a?

Proprietário – Era cliente. Tinha acabado de sair daqui e, segundo as análises, levava três gramas de álcool no sangue.

Cliente – No seu ofício e no meu, mais vale não nos afeiçoarmos muito aos clientes.

Proprietário – É novo no bairro?

Cliente – Estou de passagem.

Proprietário – Estamos todos de passagem por este mundo...

Cliente – Receio que a minha passagem acabe antes do previsto.

Proprietário – Se tiver cuidado ao atravessar a rua...

Cliente – Acabei de sair do hospital. Estou à espera de um transplante cardíaco...

Proprietário – Ah, o senhor também...

Cliente – Como?

Proprietário – Não é nada, uma história que ouvi... Espero que tenha encontrado um bom cirurgião...

Cliente – Sim...

O proprietário pousa o café no balcão.

Proprietário – Aqui está o descafeinado com um pingo de leite.

Cliente – O negócio vai bem?

Proprietário – Está fraco. E o seu?

Cliente – O meu também... Ultimamente não se passa grande coisa...

Proprietário – E em que ramo trabalha?

Cliente – Tráfico de droga. Sobretudo heroína.

Proprietário – Ah, sim... Então sabe o que é perder um cliente.

Cliente – Ainda bem que a doação de órgãos é anónima. Não sei quem iria querer dar o coração a um traficante.

Proprietário – Ou a um vendedor de tabaco.

Cliente – Tem razão. No fundo, fazemos mais ou menos o mesmo trabalho...

Proprietário – Hum...

Cliente – Acabou de aparecer um dador no hospital.

Proprietário – Então hoje é o seu dia de sorte.

Cliente – Não sei... Somos dois à espera da mesma oportunidade.

Proprietário – Ah...

Cliente – O senhor dar-me-ia o seu coração? Se estivesse morto, quero eu dizer... E sabendo o que faço na vida.

Proprietário – Porque não? Se nem entre traficantes nos ajudarmos uns aos outros...

Cliente – Prometi ao cirurgião uma mala cheia de notas se me arranjasse um coração novo em folha. Notas usadas, de pequeno valor. Acha que isso ajuda?

Proprietário – Depende do cirurgião, imagino.

Cliente – Este tem fama de se atirar a tudo o que mexe.

Proprietário – Estou a ver... Quer outro descafeinado com um pingo de leite? Desta vez ofereço eu.

Cliente – Está bem... Só se vive uma vez...

Proprietário – E se o seu coração falhar à saída, não terá sido por causa do que bebeu aqui...

11. Um coração novo

O proprietário está atrás do balcão. Entra a mesma pessoa do sexto sketch, que pode ser representada por um homem ou uma mulher.

Proprietário – Bom dia. O que lhe sirvo?

Cliente – Não me reconhece?

Proprietário – Entra tanta gente por aqui... O que vai querer?

Cliente – Licor das Carmelitas Descalças é que não, de certeza...

Proprietário – Ah! Não tinha percebido que era a mesma pessoa. Pelos vistos, aquele licor acabou por lhe fazer bem. Está com um ar vinte anos mais jovem.

Cliente – Sim... O licor. E também o coração novo que me transplantaram há uns meses.

Proprietário – Afinal apareceu um dador?

Cliente – Tinha razão. Esta rua é mesmo perigosa...

Proprietário – Vá, hoje ofereço eu. O que vai beber?

Cliente – Uma limonada...

Proprietário – Já não pode beber álcool?

Cliente – Posso... Mas decidi deixar de beber. Um sacrifício que me imponho... para agradecer ao destino.

Proprietário – Ao destino?

Cliente – Alguém morreu para que eu pudesse viver. Tenho de cuidar bem do coração dessa pessoa.

Proprietário – Mas nem sabe quem era...

Cliente – Não... E nem sei se quero saber. Podia ter sido muçulmano, por exemplo. Mais uma razão para deixar de beber álcool.

Proprietário – Então também deixou de comer fiambre?

Cliente – Passei a seguir uma alimentação vegana. É ainda mais simples. E o senhor, como vai?

Proprietário – A minha mulher acabou de me deixar.

Cliente – Morreu? Não me diga que é o coração dela que tenho no peito...

Proprietário – Quem me dera. Saía mais barato. Quando se enviúva, fica-se duas vezes mais rico. Quando se divorcia, duas vezes mais pobre.

Cliente – Quatro boas razões para preferir a viuvez...

Proprietário – Vou ter de vender o café para lhe dar a parte dela.

Cliente – Lamento...

Proprietário – No fundo, talvez seja melhor assim. Vender álcool e tabaco... O tabaco já me custou um pulmão.

Cliente – E agora, o que vai fazer?

Proprietário – Não sei...

Cliente – Devia fazer teatro.

Proprietário – Teatro?

Cliente – Nunca ninguém lhe disse que tem cara de ator?

Proprietário – Não... Mas, para passar o dia inteiro atrás de um balcão a dar a réplica a todo o tipo de clientes, já é preciso ser um bocadinho ator...

Cliente – É verdade... Costumo ir a cafés para escrever.

Proprietário – E o que escreve?

Cliente – Peças de teatro.

Proprietário – Já ouvi tantas histórias aqui... Dava para muitas peças. Comédias, dramas, tragédias...

Cliente – Um dia há de contar-mas.

Pausa.

Proprietário – Ainda há alguma coisa a preocupá-lo?

Cliente – Éramos dois à espera de transplante. Só havia um dador. Soube que o outro doente morreu uns dias depois da minha operação...

Proprietário – Ah, pois...

Cliente – Dizem que o meu processo clínico era melhor.

Proprietário – Como disse há pouco... É o destino.

Cliente – Sim... Se calhar era uma pessoa honesta.

Proprietário – Ou um grande patife... Nunca se sabe...

A personagem levanta-se para sair.

Cliente – Agradeço a limonada... Tome o meu cartão. Procuro alguém como o senhor para um pequeno papel na próxima peça. Um dono de café. Seria a sua estreia em palco...

Sai. O proprietário observa o cartão.

12. Corações em coro

O proprietário está atrás do balcão. Entra a mesma mulher do primeiro sketch.

Proprietário – Voltou para me pedir em casamento?

Ela – Ainda não passaram dez anos...

Proprietário – Cinco.

Ela – E ainda se lembra de mim?

Proprietário – Já lhe disse, tenho as minhas preferências... E há caras que não se esquecem. Continua sem querer aguardente?

Ela – Acho que já não vou precisar. Pelo menos, espero que não...

Proprietário – Ainda bem.

Ela – Lembra-se? Leu-me o horóscopo...

Proprietário – «Vai dar o seu coração a um desconhecido». (*Mostra-lhe o jornal.*) Até está no jornal de hoje.

Ela – Estão sempre a repetir as mesmas frases.

Proprietário – Mas desta vez está na secção do amor.

Ela – E acertaram. Tenho um encontro com ele.

Proprietário – Aqui?

Ela – Daqui a cinco minutos.

Pausa.

Proprietário – Conheceu um desconhecido num site de encontros?

Ela – É o meu ex-marido. Divorciámo-nos há uns anos.

Proprietário – Ah... Portanto, não é propriamente um desconhecido...

Ela – Vivemos juntos dez anos. E eu sentia que vivia com um estranho. Era a mim própria que eu não conhecia. Eu é que não estava bem.

Proprietário – Porquê agora?

Ela – Fez um transplante de coração há um ano.

Proprietário – E pensou que, com um coração novo em folha...

Ela – Quando soube que estava doente, não me contou. Já estávamos mal um com o outro. Acho que não queria que eu ficasse com ele por pena.

Proprietário – E a doutora deixou-o...

Ela – Disse-me que tinha conhecido outra mulher...

Proprietário – Mas não era verdade...

Ela – Tinha cinquenta por cento de hipóteses de sobreviver. Não queria transformar-me numa viúva inconsolável...

Proprietário – Preferiu transformá-la numa divorciada feliz... E afinal sobreviveu...

Ela – Trabalho no hospital... Soube por acaso que tinha sido transplantado. Fui eu que lhe telefonei... Perguntei-lhe se queria voltar a ver-me.

Proprietário – Na esperança de que o coração novo voltasse a bater por si... Tenha cuidado! Na sua profissão, isso até pode chamar-se obstinação terapêutica!

Ela – Acha que não se pode amar duas vezes a mesma pessoa?

Proprietário – Casar duas vezes com o mesmo homem, pode-se. E divorciar-se duas vezes da mesma mulher também.

Ela – Mas já não é exatamente o mesmo homem. Como disse, tem um coração novo...

Proprietário – Novo, novo... A pessoa a quem esse coração pertenceu pode já ter sido muito infeliz no amor.

Ela – Afinal ainda é mais pessimista do que eu.

Proprietário – Tenho ciúmes, é só isso. Já lhe disse, é uma daquelas pessoas que não se esquecem...

Ela – Espero que ele também não se tenha esquecido de mim... *(À beira das lágrimas.)*
E que me tenha perdoado...

O proprietário pousa uma mão sobre a dela, para a confortar.

Proprietário – Tenha confiança em si.

Ela olha para a montra do café, voltada para o público.

Ela – Lá está ele... Tenho o coração aos saltos...

Proprietário – Tanto como da primeira vez que o conheceu?

Ela – Muito mais...

Proprietário – Oxalá o coração dele não falhe agora. Era uma pena...

Ela – Afinal, acho que aceitava aquela aguardente.

Ele serve-lhe um cálice, que ela bebe de um trago.

Proprietário – Vai correr bem.

Ela – Obrigada.

Ela aperta-lhe a mão uma última vez e avança em direção ao público, ao encontro do ex-marido.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-076-6

Documento para download gratuito